



## **PALHAÇOTERAPIA E POSTURA ÉTICA NA ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS VERTICALMENTE EXPOSTAS AO VÍRUS HIV**

Sérgio Vital da Silva Junior-Graduando em Enfermagem/UFPB,

Jéssica Moreira de Carvalho-Graduanda em Nutrição/UFPB,

Júlio Cesar Cruz de Oliveira II-Graduando em odontologia/UFPB,

Iaponira Cortez Costa de Oliveira-Orientadora. Professora Enfermagem. Doutorado em Administração Hospitalar – UEX/Espanha. E-mail iaponiracortez@yahoo.com.

### **INTRODUÇÃO**

No cenário hospitalar a palhaçoterapia, ou arte com palhaços, envolve ações lúdicas permeadas de risos, brincadeiras, faz-de-conta e muita alegria visando à socialização e o enfrentamento da ansiedade, traumas e do medo. São visíveis os impactos positivos do riso, da gargalhada e alegria na dimensão física, psicológica e no humor da criança influenciando na qualidade de vida. Evidentemente, a criança é um ser que não mede esforços para exteriorizar os seus sentimentos. Por isso, o primeiro contato entre palhaço-criança deve ser permeado de carinho, sensibilidade e responsabilidade ética para obter a confiança e uma verdadeira interação durante a atuação das ações lúdicas.

Por conseguinte, o Projeto de Extensão Tiquinho de Alegria tem o objetivo de promover a humanização da assistência à criança no cenário hospitalar de forma lúdica, descortinando o modelo mecanicista. Neste sentido tem a importante missão de inserir o aluno na vivência assistencial e para o aperfeiçoamento profissional e como futuros profissionais da saúde, devem ter sua prática pautada na conduta humana ética que é requerida nas interrelações cotidianas além de influenciar na qualidade do atendimento.

Entretanto, durante as visitas às crianças no cenário hospitalar percebemos que em algumas clínicas existem atividades para as crianças, mas no Serviço de Assistência Especializada – SAE, no 6º andar do Hospital Universitário Lauro Wanderley, referência no atendimento à mãe e criança verticalmente exposta ao vírus HIV as crianças que aguardavam pelo atendimento e a realização de exames com a equipe multidisciplinar não dispõem de nenhuma atividade lúdica que preencha este tempo e as ajude a minimizar as tensões e ansiedade causadas pelo temor ao tratamento, além do receio das mães na exposição da criança frente à vulnerabilidade ao estigma



e preconceito. Diante da necessidade de fazer fluir um ambiente onde a criança sint-se segura, motivada e alegre sentimos a necessidade de modificar a realidade realizando atividades de palhaçoterapia do Projeto de Extensão Tiquinho de Alegria, assegurando os aspectos éticos durante as intervenções.

Destarte, traçou-se como objetivo relatar a percepção dos integrantes do grupo sobre a postura ética nas intervenções de palhaçoterapia no Serviço de Atenção especializada no ano de 2013.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa, com uma amostra de 4 alunos de graduação, integrantes do projeto de Extensão Tiquinho de Alegria que realizaram atividades lúdicas com as crianças no ambiente do SAE, no ano de 2013. Para a coleta dos dados foi utilizada a técnica da entrevista não diretiva em grupo buscando obter informações através do discurso livre, através da seguinte questão norteadora: **qual a sua percepção sobre as atividades de palhaçoterapia realizadas no SAE para as crianças e na formação profissional de vocês?**

A coleta dos dados foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética da Instituição. Os depoimentos foram analisados a partir da leitura flutuante dos relatos e agrupados por tópicos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Atividades realizadas com as crianças:**

*Vestidos como palhaços chegamos ao SAE já brincando e interagindo com as crianças fazendo piadas, animações com balões e lançando bolhinhas de sabão, que geralmente é a brincadeira que mais prende a atenção de crianças de pouca idade (P. 1º). Nas intervenções lúdicas ficamos surpresos com o encantamento com que somos recebidos pelas crianças, pois a forma monótona com que elas esperam o atendimento é mudada. As cores das roupas, o nariz vermelho e a troca de brincadeiras tornam-se como um conto de fadas para as crianças (P.2º).*

*Realizamos diversas atividades com músicas, brincadeiras, fantoches, não só com os pequenos, mas também com os acompanhantes e profissionais colorindo o dia de cada um (P.3º).*



*Realizamos as atividades em grupo e interagimos com as crianças brincando, pulando, rindo muito para provocar gargalhadas, sorrisos e transmitir um ambiente receptivo onde as crianças sintam-se acolhidas, seguras e esqueçam o medo do ambiente hospitalar (P.4º).*

Os discursos enfatizam a importância das atividades lúdicas no cuidar de crianças no ambiente hospital superando vulnerabilidades e o medo. Para Soares (2001), as brincadeiras e jogos variados que promovem risadas podem melhorar a oxigenação, induzem ao relaxamento e melhoram a auto-estima.

#### **Percepções dos integrantes sobre as crianças:**

*Percebi que até o ambiente se modificava para melhor com a alegria e os sorrisos diminuindo o tom de seriedade dos profissionais, acompanhantes e crianças. As crianças, que antes estavam um pouco tristes queriam brincar conosco, com uma alegria que destoava da seriedade que antes apresentavam. Ao estar com uma criança, percebi que ela esquecia a ansiedade e temores do tratamento, como o medo de injeções, e se inseria totalmente nas brincadeiras (P.1).*

*Quando participamos com as crianças é perceptível que as intervenções estão surtindo efeitos positivos. Ao levar a criança a sair um pouco de sua realidade sofredora, por conta do agravo ou do meio em que ele está inserida, sentimos a satisfação de estar exercendo realmente o almejado por nós: o bem através do riso... (P2º).*

*Através das nossas verificamos a mudança no semblante das crianças. Até o "ar" do hospital fica diferente. As crianças encontram-se tristes, quietas e quando elas sabem que os palhaços estão chegando, já os reconhecem, se animam começando a brincar e até levam os pais à brincar também, todo mundo interagindo de uma forma alegre e divertida (P.3º).*

*As crianças ficam alegres, felizes, brincando e interagindo conosco de forma espontânea, esquecendo que estão no hospital. É gratificante proporcionar um "tiquinho de Alegria" (P.4º).*

As crianças demonstram aceitação e alegria com o brincar no hospital. De acordo com MOTTA (2006), o ato de brincar permite também que a criança revele suas necessidades, vontades ou prazeres.



## Importância das intervenções na formação profissional dos integrantes:

*Muitas vezes estamos cheios de preconceitos com as pessoas soropositivas, e não queremos nos aproximar. Ao interagir com as crianças percebi o quanto elas necessitam de carinho e compreensão. A minha experiência foi enriquecedora e terá uma importância fundamental na minha profissão no futuro, pois já terei algum conhecimento sobre como lidar com as crianças (P.1º).*

*O usuário portador do HIV tem historicamente o estigma de que deve ser afastado de toda sociedade, infelizmente, até por parte dos profissionais de saúde; sentimos a dimensão do preconceito ao vivenciar o ambiente e, através das intervenções percebi o quanto são carentes de atenção, o que norteia nossa prática assistencial no tocante a escuta qualificada e na humanização no ato do cuidar (P2º).*

*Não há dúvida alguma que através das intervenções nos tornamos mais sensíveis, cuidadosos e humanos com a dor do próximo. A humanização é algo que vou levar comigo para minha profissão, é algo que ninguém pode tirar de nós. Toda essa experiência trouxe algo que às vezes é inexplicável e só sabe quem sente e passa por isso, só quem sabe é quem convive com essas crianças maravilhosas que nos passam uma lição linda de vida (P.3º).*

*A experiência do cuidar de forma lúdica e observando os aspectos éticos inerentes à vulnerabilidade de “seres tão especiais” foi uma experiência ímpar que contribuiu para a nossa formação cidadã e o despertar para o compromisso com a sociedade (P.4º).*

Os discursos dos acadêmicos demonstram a importância da articulação entre a teoria e prática para uma formação profissional enriquecedora, corresponsável, à medida que remodela a assistência tradicional e humaniza as relações entre usuários, profissionais e estudantes.O

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As atividades desenvolvidas a partir do projeto de Extensão possibilitaram uma integração dos pilares ensino-pesquisa e extensão aliando a teoria à prática, em uma vivência ímpar para os acadêmicos a partir de um



“novo jeito de cuidar” onde a alegria, as brincadeiras, a interação e o colorido fizeram parte da assistência.

Os alunos vestidos de palhaços sistematizaram a prática através de visitas feitas prioritariamente às crianças, no entanto houve interação também com os profissionais e acompanhantes, já que todos compõem o processo de reabilitação do paciente. A natureza das atividades é a terapia com palhaços, que tem como propósito minimizar a ansiedade e medo da criança que realiza um tratamento de saúde através de brincadeiras e piadas, a fim de estimular o riso e bem-estar, respeitando e concretizando as diretrizes da humanização na saúde.

Através da vivência e contato com a realidade hospitalar, as atividades lúdicas realizadas sempre pautadas na ética, contribuíram para o desenvolvimento do compromisso social e na formação cidadã de todos os integrantes do projeto de Extensão “Tiquinho de Alegria”.

A confidencialidade e o respeito à dignidade da pessoa humana são pressupostos essenciais e valorizados pelos estudantes “palhaços” que percebem a fragilidade das crianças ao participarem das brincadeiras. No entanto, é necessário sair da ainda dura realidade e partir rumo à fantasia, ao imaginário e alegria através das intervenções lúdicas, desmistificar a visão de que “o hospital é ruim”, e que a “picadinha da agulha vai fazer mal”, mostrando que mesmo com todos os procedimentos invasivos, há uma forma diferente de “cuidar”.

## REFERÊNCIAS

MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F.; FERRÃO, E. S. Avaliação das estratégias de enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. In: Crepaldi MA; Linhares MBM e Perosa GB. **Temas em psicologia pediátrica**. V.56, n.8, p.191-218, 2006.

SOARES, M.R.Z.; ZAMBERLAN, M.A.T. A inclusão do brincar na hospitalização infantil. **Estudos de Psicologia**. v. 18. n.2, p.64-9, 2001.